

A QUESTÃO DA VERDADE. ALGUMAS OBSERVAÇÕES A PROPÓSITO DE UM TRECHO DE DESCARTES.

Marcio Chaves-Tannús*

1. O Trecho

"... considéránt combien il peut y avoir de diverses opinions, touchant une même matière, qui soient soutenues par de gens doctes, sans qu'il y en puisse avoir jamais plus d'une seule qui soit vraie..."

Descartes (76):p.8.

"... considerando quantas opiniões diversas, sustentadas por homens doutos, pode haver sobre uma mesma matéria, sem que mais duma possa ser verdadeira..."

Descartes (84):p.10.

2. Observações iniciais

Minha reação inicial, por oportunidade da primeira leitura, foi um misto de surpresa e condescendência. Como seria possível que um autor tão importante, capaz e relativamente próximo de nós, pudesse emitir uma opinião assim tão ingênua? Este fato me sugeriu a idéia de que também na filosofia haveria uma espécie de progresso. Diverso em alguns aspectos daquele concebido por Descartes, semelhante em outros, ele consistiria, em parte, no abandono das ilusões dos autores e épocas passadas.

Ao assim pensar, porém, não

percebia de que forma estava preso às ilusões de minha própria época.

3. Análise

Afirmar a existência de uma única opinião, que seja verdadeira, sobre a "mesma matéria" implica em admitir:

1 – A existência, para esta opinião, de um conjunto, e apenas um, de premissas iniciais, ou axiomas, que seja verdadeiro.

2 – A existência, e o uso adequado, de um conjunto, e apenas um, de regras de dedução corretas que permitam, partindo das premissas, obter como resultado a opinião em causa.¹

3 – A possibilidade de se conhecer, e de se usar, estes dois conjuntos.

4 – A aceitação do princípio da não contradição.

Admitir, portanto, a existência de uma única opinião verdadeira, sobre a "mesma matéria", implica na admissão da existência de fundamentos sólidos e definitivos para esta opinião.

Por outro lado, negar que possa haver uma única opinião verdadeira, sobre a "mesma matéria", significa:

1 – Ou afirmar que não temos acesso

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

à verdade que, no entanto, reconhecemos ser única e, portanto, definitiva².

2 – Ou admitir que toda a verdade é não definitiva.

Ambas as alternativas, porém, se aceitamos o princípio da não contradição, desembocam inevitavelmente no impasse lógico denominado “regresso ao infinito”. Isto porque, ou elas são falsas, ou são verdadeiras. Se são falsas, então é possível que haja uma opinião verdadeira, e apenas uma, para “uma mesma matéria”. Se uma delas, ou as duas, são verdadeiras, então esta verdade, ou é definitiva, o que contradiz o conteúdo de ambas, ou é provisória. Se ela é, todavia, provisória o ciclo recomeça. E assim, indefinidamente.

Nestas circunstâncias, o problema se reduz à fixação de um conjunto de critérios que possibilite localizar e identificar, de maneira unívoca, tanto as verdades primeiras, a partir das quais se poderá deduzir as demais, como o conjunto das regras necessárias à dedução.³

A solução que Descartes nos legou é problemática e possivelmente incompleta. Para ele, se o conhecimento é claro e distinto, ele é evidente, e a evidência é o critério de identificação da verdade. Resta, contudo, a dificuldade de localizá-la, e, uma vez localizada, como garantir que o que considero evidente o é, também, para todos os outros?⁴

4. Conclusão

Se a demonstração supra é correta, e admitindo-se o princípio da não contradição, é possível concluir que a afirmativa da impossibilidade de se es-

tabelecer fundamentos definitivos para o conhecimento humano é logicamente insustentável. Esta conclusão permanece válida, mesmo se verificada a inexistência, de fato, destes fundamentos. A hipotética confirmação empírica de sua inexistência factual não é suficiente para negar sua possibilidade lógica.

Desta possibilidade, entretanto, não decorre nem que sejamos necessariamente capazes de tudo conhecer, nem que a natureza de nosso conhecimento seja inevitavelmente determinista.

Finalmente, há no texto deste comentário, mais precisamente em uma das notas de rodapé, uma sugestão, de caráter técnico, destinada a aperfeiçoar possíveis tentativas futuras para se estabelecer fundamentos definitivos para o conhecimento humano. Esta sugestão não foi, todavia, explicitada, enquanto tal.

5. Anexos

5.1. Corolário nº 1: Verdade e senso comum

Se há uma única opinião verdadeira, sobre a “mesma matéria”, então só dificilmente, e apenas por acaso, poderia haver coincidência entre opiniões verdadeiras e opiniões oriundas do senso comum. Isto porque as opiniões emitidas em concordância com o senso comum mudam, segundo mudanças ocorridas no tempo e espaço históricos.

5.2. Adendo nº 1: Diferença entre bom senso e senso comum

Razão, ou bom senso, é, segundo Descartes (Cf.: parágrafo primeiro

do "Discurso do método") a capacidade que temos de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso.

Como a coincidência entre opiniões verdadeiras e opiniões oriundas do senso comum, se existe, é apenas casual, é o bom senso que nos permite distinguir entre as primeiras e as últimas.

5.3. Corolário nº 2: Verdade e Ideologia

Se as opiniões ideológicas são necessariamente a expressão de interesses sujeitos às modificações ocorridas no espaço e no tempo da história, então não pode haver, a não ser casualmente, coincidência entre opiniões ideológicas e verdadeiras.

5.4. Corolário nº 3: Verdade e patrimônio cultural

Como as opiniões originárias do patrimônio cultural de um povo determinado qualquer estão, também, submetidas às mudanças no espaço e no tempo históricos, então toda coincidência possível, entre elas e as opiniões verdadeiras, é apenas casual.

5.5. Adendo nº 2: Sobre a expressão "uma mesma matéria"

Entre a afirmativa cartesiana de que não pode haver mais de uma opinião verdadeira sobre "uma mesma matéria" e a suposição de que tal matéria pode estar sujeita a modificações não há contradição lógica. A afirmação de uma não acarreta logicamente a negação da outra.

5.6. Adendo nº 3: Sobre o dogmatismo e sobre o totalitarismo.

(i) A única opinião verdadeira, sobre o que em um determinado espaço e um determinado tempo da história denominamos dogmatismo, pode, por princípio, ser aquela que nega sua validade.

(ii) A única opinião verdadeira, sobre o que em um determinado espaço e um determinado tempo da história denominamos totalitarismo, pode, por princípio, ser aquela que o rejeita a favor do que, neste espaço e tempo, denominamos democracia.

NOTAS

- 1 – A exigência necessária de "uso adequado" é garantida por um conjunto de instruções, subconjunto do conjunto de regras dedutivas, que permita, para cada caso, uma decisão unívoca relativa à correção do uso destas mesmas regras.
- 2 – Como de fato: se há apenas, para cada caso, uma verdade, então ela é também definitiva, pois apenas o que é provável, ou provisório, pode ser modificado ou substituído.
- 3 – A garantia da possibilidade de fixação deste conjunto de critérios nos é dada pela demonstração de que a frase que afirma não termos acesso à verdade conduz, uma vez aceito o princípio da não contradição, a um impasse lógico.

- 4 – Descartes tinha, com certeza, consciência do problema. Tanto, que sua obra oferece-nos o que pode ser interpretado como uma proposta de solução. Através da dúvida metódica seria possível libertarmo-nos dos preconceitos que nos impedem o bom uso da razão que, de acordo com ele, é igual para todos.

As fontes utilizadas

- 1 – Para o trecho em francês

Descartes, R. (76): **Discours de la méthode**, Vrin, Paris, 1976. (Texte et commentaire par Étienne Gilson).

- 2 – Para a tradução portuguesa

Descartes, R. (84): **Discurso do método/As paixões da alma**, Sá da Costa, Lisboa, 1984. (Tradução, prefácio e notas de Newton de Macedo).